

Um profundo conhecedor das questões moçambicanas interroga-se um ano depois do acordo de coexistência entre Maputo e Pretória: «E onde entroncarão os interesses de Portugal?»

Para entender N'Komati

Ilídio Rocha *

Éa Portugal, que poderá (ou deveria) tirar da sua «diferente» experiência africana o maior proveito, que compete defender uma posição inteligente e pragmática naquela cobiçada área. E, para isso, terá de aprender a defender-se de ser, mais uma vez, o agente e a vítima dos interesses dos outros. Uma sugestão: começar por compreender onde a esses outros lhes dói e porquê.

Ocorreram recentemente dois acontecimentos importantes para a África Austral que gostaríamos de, antes de mais, relembrar: no último dia 12, os Estados Unidos votaram no Conselho de Segurança das Nações Unidas uma moção condenando a África do Sul e o seu regime de *apartheid* — é a primeira vez que o fazem, e foram acompanhados pelo Reino Unido que, anteriormente, ou seguia o voto desfavorável americano ou se abstinha. No dia 14, os ministros dos Negócios Estrangeiros e da Defesa de Pretória, Pik Botha e Magnus Malan, correram a Maputo tentar salvar o acordo de N'Komati: seis horas de negociações.

Dias antes, o ministro dos Negócios Estrangeiros de Moçambique, Joaquim Chissano, dizia em Lisboa ter obtido de Mário Soares — «o homem dos americanos» como o classificam os círculos de Chirac — a promessa de serem travadas as



Pik Botha e Sarmão Machel em N'Komati, em Março de 1984. Um ano depois o acordo foi salvo após duras conversações.

actividades da «componente portuguesa da Renamo».

Petróleo e outros pequenos «nadas»

Num artigo que recentemente escrevemos para este jornal, chamávamos a atenção para a importância de Moçambique na África Austral, devido, por um lado, à sua posição frente ao oceano Índico e, por outro, às fortes probabilidades de pos-

suir largas reservas de petróleo, nomeadamente na sua plataforma continental. Acrescentávamos algumas notas sobre essas qualidades, de que não se-

ria a menor a de ser porta para cinco países, em especial, para o Zimbabwe e o Transvaal.

Acrescentaremos hoje mais algumas notícias, uma parte,

mais recente e que passou sem relevo, outra, menor mas não menos importante, já esquecida.

1. Assim temos que, segun-

do estatísticas recentemente divulgadas, mais de metade do petróleo exportado pelo Médio Oriente passa em frente aos 2470 quilómetros da costa de Moçambique, desembarcando ali algum desse petróleo. As estatísticas reveladas há semanas dizem respeito a 1983, ano em que a produção exportada pelo Médio Oriente foi de 513 milhões de toneladas, 262,2 milhões das quais saíram pela rota do Índico. Esse petróleo, que passou ao largo de Moçambique ou ali desembarcou, teve os seguintes destinos: Moçambique, Zimbabwe e República da África do Sul, 20 milhões de toneladas; América do Sul, 42,2 milhões; América do Norte, 31 milhões; Europa Ocidental, 169 milhões.

2. Segundo um levantamento feito pela «Newsweek» e divulgado em 11 de Março, os principais interesses americanos na República da África do Sul, concentram-se nas seguintes áreas: Cidade do Cabo, em cujos subúrbios ocorreram os incidentes que provocaram a moção aprovada pelos Estados Unidos na ONU (Mobil e Caltex, esta última propriedade da Chevron e da Texaco); Port Elizabeth, onde os incidentes também não têm faltado (Goodyear, Ford, General Motors); Durban (Mobil e U.S. Gypsum); Rand, cuja porta na-

rural é o porto do Maputo (Xerox, Sperry, General Electric, Burroughs, 3M, Union Carbide e IBM). Investimento total americano calculado pela mesma fonte, 3 bilhões de dólares.

3. O «Washington Post» divulgou que cerca de quatro dezenas de técnicos americanos da «Tennessee Valley Authority» estão a trabalhar para o governo sul-africano, fabricando plutônio, em flagrante violação da lei dos Estados Unidos sobre a fuga de tecnologia estratégica. Não só a notícia foi posteriormente confirmada, inclusive pelas autoridades americanas, como estas se desculpam com a «probabilidade de os contratos serem anteriores à promulgação da lei, em Fevereiro de 1983». Cada um dos referidos técnicos estaria a ganhar, segundo as próprias autoridades americanas, 100 mil dólares anuais, livres de

impostos. O seu salário oficial americano é de 30 mil dólares, sujeito a impostos.

Dezasseis milhões para ajuda militar

4. No âmbito do orçamento americano de 1984, Moçambique recebeu 22 milhões de dólares de auxílio, a maior ajuda alimentar de urgência concedida pelos Estados Unidos a um país africano. (O ano fiscal americano inicia-se em 1 de Outubro do ano civil anterior.)

Adentro do Orçamento de 1985, os Estados Unidos concederam a Moçambique um milhão de dólares para assistência militar (material e não armas, segundo frisam) e uma importância adicional de 150 mil dólares para treino das Forças Armadas moçambicanas.

Para o exercício de 1986, Reagan propôs um auxílio a

Moçambique de 28 milhões de dólares, sendo 15 milhões para a defesa e 13 milhões para ajuda ao desenvolvimento. (Todos estes números são, apenas, os tornados públicos, como é óbvio.)

Além da Esso e da Standard Oil (prospecção e exploração de petróleo) os Estados Unidos têm em Moçambique uma fábrica de pneus (General Tyre) à qual a revista «Fortune» dedicou há tempos um artigo altamente elogioso, salientando, nomeadamente, as vantagens de investir num país de governo central sem riscos de mudança.

5. O bispo anglicano Desmond Tutu, tornou-se o primeiro bispo negro de Joanesburgo, passando a chefiar uma comunidade religiosa composta por 60 mil negros e 40 mil brancos. É agora o número dois da Igreja Anglicana na República da África do Sul e a sua

primeira declaração na catedral de Joanesburgo foi a de que não abandonaria, ou sequer, abrandaria a luta contra o *apartheid*, propósito que já provou desejar cumprir. À sa-gração, assistiram delegações de alto nível dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e da República Federal da Alemanha. Entre o Prémio Nobel e a sa-gração, Tutu visitou Washington.

Chirac, Carlucci e o Pato Donald

Chirac considera «que uma possível vitória de Mário Soares viria a ser muito prejudicial para as empresas francesas com interesses em África, dado que Soares é aqui (Paris) considerado como o homem dos americanos» («O Jornal» de 15 de Março); «para os gaullistas, que se preparam para a cam-

panha eleitoral das legislativas francesas, Lourdes Pintasilgo defende um terceiro-mundismo fora de moda, que seria muito prejudicial para a França, na África de expressão portuguesa» (idem).

Após a independência de Moçambique, a França tinha na sua embaixada do Maputo o mais elevado número de pessoal com *agrément* registado em qualquer das missões diplomáticas ali acreditadas. A francesa Aquitaine foi uma das «grandes» a prospectar petróleo em Moçambique antes do 25 de Abril — e dizia-se que o tinha encontrado. (Nós vimos, entre o Funhalouro e a margem direita do Save, furos selados por aquela companhia com sapatas de cimento.)

Bem. E a esquerda, a direita, o socialismo, o gaullismo, o marxismo, o marxismo-leninismo, o não-alinhamento,

as Yalta, o catolicismo, o anglicanismo, a Igreja Reformista Holandesa, o luteranismo, os mórmones, os maometanos? Em que ficamos?

Para já, os bispos católicos de Moçambique entregaram, coincidentemente, à United Press International, o seu protesto contra as atrocidades da guerra em Moçambique. Ter-se-ia a France Press queixado a Chirac da discriminação?

E onde entroncarão os interesses de Portugal — não digo de alguns portugueses, nomeadamente os da tão falada componente da Renamo — com «os interesses da França» ou mesmo com «grupo de Carlucci», contra o qual parece estar agora o Partido Republicano dos Estados Unidos?

Decididamente: aprendamos a ler, mas de uma vez para sempre, o Pato Donald. Mas não só o americano.